

ACERTO DE CONTAS: Segundo analista do Citicorp, esforço fiscal de R\$ 28 bilhões superou as expectativas do mercado financeiro

FMI elogia ajuste e promete ajuda nos próximos dias

Entidade aguarda apenas carta de intenções do Governo. Em Nova York, analistas recebem medidas com cautela e otimismo

José Meirelles Passos
e Amália Maranhão

Correspondentes

• SANTANDER e NOVA YORK. O programa de ajuste fiscal brasileiro foi bem recebido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) que, nos próximos dias, deverá aprová-lo oficialmente e fechar um acordo com o Governo. A ajuda financeira do Fundo ao país deverá ser de pelo menos US\$ 30 bilhões, segundo funcionários da entidade. O presidente Bill Clinton conversou por telefone com o presidente Fernando Henrique Cardoso, para discutir detalhes das medidas. Os EUA estão empenhados em que países do Grupo dos Sete (que reúne as nações mais industrializadas) ajudem o Brasil.

O secretário de Tesouro dos EUA, Robert Rubin, elogiou as medidas, mas disse que devem

ser implementadas rapidamente. A reação do FMI foi comunicada por um porta-voz da entidade, em Washington. Ele disse que o diretor-gerente, Michel Camdessus, recebeu muito bem a divulgação do plano.

— O anúncio representa um progresso importante na implementação do programa de estabilização e reformas do Brasil, que terá o apoio do Fundo e de outros membros da comunidade internacional — disse o porta-voz.

FMI está à espera da carta de intenções do Governo

Representantes tanto do Fundo quanto do Banco Mundial (Bird), que participam em Santander de uma conferência sobre estratégias de acesso ao mercado de capitais para municípios e governos estaduais, disseram ao GLOBO que a divulgação do pla-

no de ajuste abre as portas para "o início da retomada da normalidade" no Brasil.

Há vários passos a serem dados para o acordo final com o FMI. O plano deverá ser levado a Washington, acompanhado da carta de intenções do Governo.

— A data para tal entrega deverá ser decidida pelo Governo, que escolherá a ocasião que lhe parecer mais conveniente. Temos de esperar o documento — disse um funcionário do FMI.

A expectativa é de que isso aconteça na próxima semana. Até lá, Camdessus intensificará os contatos com o Bird, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Departamento do Tesouro dos EUA, para preparar o pacote de ajuda. O FMI entraria com US\$ 15 bilhões, o Bird, com US\$ 4,5 bilhões, mesma parcela reservada pelo BID. O Governo

dos EUA calculava, dias atrás, dar uma ajuda entre US\$ 6 bilhões e US\$ 7 bilhões.

Depois de estabelecido o valor da ajuda a ser prestada ao país, o programa e a carta de intenções serão encaminhados a Camdessus, que preparará uma recomendação favorável ao empréstimo, para ser apresentada ao Conselho de Direção do Fundo, formado por 24 diretores, que representam os 182 países-membros.

Primeira parcela da ajuda sai no dia da aprovação

No final da reunião do conselho será feito o anúncio da aprovação do pacote e também do valor da primeira parcela, que costuma ser colocada à disposição do país já no dia do anúncio.

Em Nova York, o mercado financeiro está dividido entre cautela e otimismo em relação ao

programa de ajuste fiscal anunciado pelo Brasil. Alguns acham que as medidas adotadas estão dentro do previsto, mas querem a redução dos juros, a aprovação do pacote no Congresso e a ajuda financeira formal do FMI antes de voltarem a apostar no país. Para outros, o Governo assumiu posições corajosas, indo além do que o mercado esperava.

Um dos otimistas é Tom Tribat, diretor de Mercados Emergentes do Citicorp. Segundo ele, o Governo superou as expectativas do mercado ao anunciar um esforço fiscal de R\$ 28 bilhões:

— A previsão era de no máximo de R\$ 26 bilhões, mas fomos agradavelmente surpreendidos por esses quase 10% adicionais.

Armínio Fraga, diretor de Mercados Emergentes da Fundação George Soros, também se mostrou otimista. Ele percebeu uma

reação positiva dos investidores nos contatos que manteve depois do anúncio das medidas:

— Acho que causou boa impressão a ênfase que o ministro Malan deu ao déficit previdenciário, explicando aspectos perversos do sistema e as perspectivas de déficit na virada do milênio.

Estrategista do Deutsche pede redução dos juros

Jane Heap, estrategista de mercados emergentes do Deutsche Bank, acompanhou a divulgação do pacote e reclamou metas mais ambiciosas de redução de juros.

— O Governo precisa reduzir drasticamente sua dívida interna e isso não será possível com as taxas de juros previstas — afirmou a executiva.

• ECONOMISTAS APROVAM AS MEDIDAS FISCAIS, na página 40

A REAÇÃO NO MUNDO

"O anúncio representa um progresso importante na implementação do programa de estabilização e reformas do Brasil, que terá o apoio do Fundo e de outros membros da comunidade internacional"

ministro Malan deu ao déficit previdenciário, explicando aspectos perversos do sistema e as perspectivas de déficit na virada do milênio"

ARMÍNIO FRAGA • Diretor de Mercados Emergentes da Fundação George Soros

NOTA OFICIAL DO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL

"O Governo precisa reduzir drasticamente sua dívida interna e isso não será possível com as taxas de juros previstas"

JANE HEAP • Estrategista de Mercados Emergentes do Deutsche Bank

"A previsão era de, no máximo, R\$ 26 bilhões, mas fomos agradavelmente surpreendidos por esses quase 10% adicionais."

"O mais importante, que é a dívida interna, não foi tocado pelo Governo"

ROBERTO ALEMANN • Ex-ministro da Economia da Argentina

TOM TRIBAT • Diretor de Mercados Emergentes do Citicorp

"Acho que causou boa impressão a ênfase que o